

Ian Nairn

Tradução: Lorenza Pavesi

Designer Gráfico formada pela Coventry University (Grã-Bretanha), Rua Madre Saint Bernard 151, Santa Mônica, São Carlos, SP, lore@ukonline.co.uk

Revisão técnica:

Fábio Lopes de Souza Santos

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlenense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, sotosantos@uol.com.br

Miguel Antônio Buzzar

Arquiteto, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlenense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, mbuzzar@sc.usp.br

Subtopia é a anulação de um lugar, o rolo compressor de toda a sua individualidade em um padrão uniforme e medíocre. Viajando na nossa rota, a primeira impressão que se tem é a de uma cadeia de assaltos a lugares específicos, cada um com seus problemas, e isso é apresentado nas páginas 392 a 438. Mas Subtopia já foi tão longe que é possível apresentar cenas que se tornaram indistinguíveis e classificar as causas que fizeram com que elas se tornassem iguais. Essas causas são os agentes da Subtopia.

A maioria desses agentes é inconsciente, o que Lionel Brett chama de diagramas do progresso, colocados no ambiente somente como um meio de transmitir eletricidade ou melhorar as comunicações e tratados pelos seus autores como se fossem invisíveis. Contra eles em si, a *Review* não tem nenhuma queixa. Cada diagrama do progresso é um desafio a ser enfrentado; intrinsecamente, nem mau nem bom, mas capaz de produzir visualmente más ou boas soluções. A equação que cria Subtopia de uma boa idéia é sempre a mesma: a aplicação em massa de princípios mal compreendidos. Essa é uma razão – embora negativa – para adotar a tradição funcional como vernacular decorativo: é menos provável que seja

mal compreendida porque faz parte do senso comum. Negar o progresso é algo tão lunático quanto a situação à qual o progresso descontrolado nos trouxe: somos *enfants de notre siècle*, e se consideramos a marcha ao progresso com uma mistura maneirista de admiração e desprezo, somos *enfants de notre siècle* nisso também. Doravante, se pilões e vias arteriais e padrões de iluminação são seus objetos, é porque eles representam más soluções, não porque eles são maus em si mesmos, exceto – e esse exceto vai se repetir ao longo desta edição – onde, em virtude da superpopulação, a superfície da terra parece ser submersa por eles. É levando em consideração essa “cláusula de densidade” que a *Review* faz objeções à estação de energia de Hams Hall na página 410, defendendo que suas áreas selvagens sejam mantidas realmente selvagens, ao mesmo tempo em que faz queixas em relação à mina Holister em A.A. Hut na página 433.

Embora a maioria dos agentes seja inconsciente, conforme mencionamos, existem duas classes que não o são. Uma poderia ser chamada de Subtopia de estatuto ou Subtopia de engenheiro de distrito:

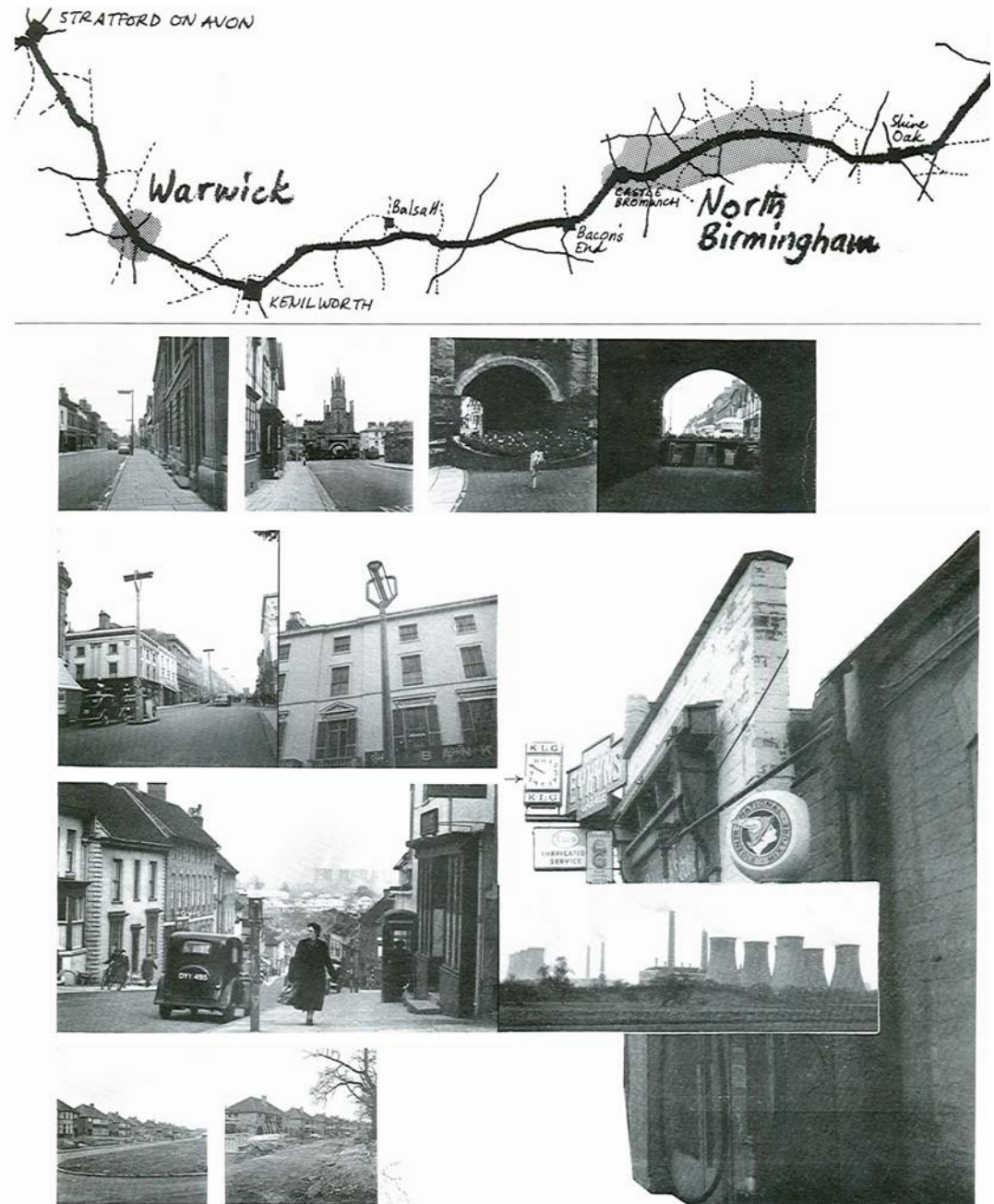


Figura 1: Hams Hall Warwickshire. Fonte: Architectural Review, edição especial, Outrage, junho de 1955.

os ataques às cidades em nome da remoção de cortiços geram a dispersão dos conjuntos habitacionais para os subúrbios, deixando o centro reduzido a uma coleção de lotes vazios. A outra é o reflexo do pânico criado pela Subtopia, que tenta aportar melhoramentos usando materiais que são em si mesmos subtopianos: o rústico urbano e a sua infeliz extensão de volta para o campo ao longo

das estradas. Ambas são errôneas em suas manifestações e essências: tipicamente, elas são as coisas que menos são consideradas monstruosidades. É a grande instalação industrial que incita horror, independentemente de seu design ser bom ou não, e não o aconchegante – mas nem por isso menos óbvio – desfiguramento da cidade com jardins e estacionamentos embelezados. Finalmente, os

agentes são mostrados atuando em conjunto em orlas-padrão. Nos outros grupos, há às vezes um caráter suficiente de paisagem urbana ou natural no cenário de fundo para que alguém possa adivinhar onde os agentes estão. Essa felicidade desaparece nesse último conjunto, e a *Review* convida o leitor na página 390 a um amargo jogo de adivinhação. É isso o melhor que arquitetos, construtores e planejadores ingleses podem fazer? A *Review* acredita que não e expõe suas sugestões no final da edição. Mas construções afetam as pessoas, e Subtopia gera Subtopianos – a *Review* também acredita que, ao

menos que não nos forcemos a um choque perceptivo, esse nosso *laissez-faire* visual pode nos tornar incapazes de distinguir o bom do mau, levando-nos a uma condição de sub-humanos sem sequer nos darmos conta. Não se trata só de estética e obras de arte: toda a nossa existência como indivíduos está em jogo, tanto quanto ela poderia estar sob uma ditadura política, de esquerda ou de direita; a diferença é que, no caso em questão, o ataque não é claramente definido e não vem do outro lado do globo, mas é um miasma que emerge do coração do nosso ser coletivo.